

O comunismo chinês matou a verdadeira medicina chinesa.



Do original em Francês

Le communisme chinois a tué la vraie médecine chinoise

Philippe Sionneau

<http://www.sionneau.com>

Versão em Português:

Silvia Ferreira

Supervisão e Revisão :
Ephraim Ferreira Medeiros

Projeto

www.medicinachinesaclassica.org

O comunismo chinês matou a verdadeira medicina chinesa.

Esta é uma idéia que sai frequentemente da boca daqueles que geralmente não têm um alto nível de conhecimento nesta área. Não me lembro de ter ouvido Dan Benski, Nigel Wiseman, Craig Mitchell ou mesmo Bob Flaws dizerem tamanho disparate.

Certamente que a medicina ocidental e mais exatamente o modelo cultural ocidental e, em particular, o americano influenciaram a organização da medicina chinesa, na China. É evidente que ela não é mais a mesma daquela da Antiguidade, que já era diferente daquela praticada na era Tang, Song, Ming ou mesmo Qing. Cada época possuiu seu estilo. Cada época influencia suas artes, sua ciência, suas modas, suas tendências sociais e sua medicina. No entanto, na base, a essência da medicina chinesa manteve-se a mesma, apoiada sobre os mesmos grandes princípios promulgados principalmente pelo Nei Jing (Clássico de Medicina Interna), Nan Jing (Clássico das Dificuldades), Zhen Ji Yi Jing (Clássico do ABC da acupuntura e moxibustão), Shen Nong Ben Cao o Jing (Matéria Médica de Shen Nong) e Shang Han Lun (Tratado das lesões do Frio)¹. E isto é verdade até hoje em dia.

Mesmo se uma corrente na China mistura medicina oriental e ocidental, uma outra utiliza exclusivamente a metodologia e a matriz de pensamento do sistema médico tradicional. É evidente que o modelo cultural americano e europeu modificou a maneira como é transmitido o ensinamento no País do Meio. Mas é preciso chamar a atenção para que, apesar destas evoluções modernas, a pertinência, a virtuosidade, a experiência das correntes familiares, individuais e ancestrais são constantemente reverenciados. Apesar de algumas transformações contemporâneas, persiste uma corrente tradicional muito forte que ao invés de ser negada, é valorizada.

1. *Rodapé: 1. É verdade que existem outros grandes textos dignos de nota que contribuíram na elaboração deste sistema médico, como por ex: Sun Si Miao, Liú Wán Sù, Li Dong Yuán, Zhang Jiè Bìn, Yè Tian Shi e muitos outros, mas estas cinco obras parecem ter lançado as bases do que é a Medicina Chinesa*

Para todos aqueles que caluniam o estilo da “China Pop”, gostaria de lembrar uma verdade: O Maoísmo não enfraqueceu a medicina chinesa, ele a salvou. Para compreender isto devemos fazer uma breve recapitulação histórica. Antes da chegada da medicina ocidental na China no final do século 19, a medicina era simplesmente

nomeada “Yi” (医 / 醫). Naquela época e bem antes, ela coexistia com outros sistemas de cura: xamanismo e práticas médicas religiosas (wu巫 ou zhù祝). As fronteiras entre estas diferentes abordagens não eram sempre claras. Houve uma influência mútua entre estas maneiras de abordar as terapias.



Talismã médico

Tirado de Jiàng Xue Yuán G_ Fang Xu_n Zhù

絳雪園古方選注

(Seleções explicadas de antigas fórmulas do jardim de neve escarlate)

De Wáng Z_ Jie 王子接, dinastia Qing, 1732

Talismã usado pelo médico designado para proteger os Qi epidêmicos enquanto examina um paciente doente

No entanto, é historicamente comprovado que na época das Primaveras e Outonos (770-476 AC), a medicina “Yi” (医) tornou-se uma área profissional diferente das correntes espiritualistas e xamanicas. Tornou-se oficialmente a medicina dos Imperadores e dos Estados, embora os outros sistemas de cura ainda se mantivessem ativos. Como entre nós, a hegemonia da medicina científica não fez desaparecer os curandeiros e outros práticos. Portanto, se quisermos respeitar a história e sermos abertos, a medicina chinesa tem na realidade um pouco menos de 3000 anos, ainda que ela tenha sido elaborada a partir de práticas mais antigas. Ainda assim, considerar 3000 anos já é bem generoso, porque nós sabemos que a bíblia da medicina chinesa, o Nei Jing (Clássico de Medicina Interna), foi terminado, revisado e estruturado sob a Dinastia Han (206 a.c. – 220 d.c.). É nesta mesma época que os cinco movimentos, tal como nós os conhecemos hoje, foram amadurecidos e claramente associados às teorias do Yin e Yang, que constituem a matriz fundamental, a língua base da medicina chinesa. Esta evolução é refletida nas últimas revisões do Nei Jing (Clássica de Medicina Interna).

E finalmente, neste mesmo momento, Zhang Zhòng Jing compõe o colossal Shang Hán Bing Lùn 伤寒杂病论 (Tratado das lesões do frio e das doenças diversas). Em outras

palavras, o sistema médico chinês perfeitamente organizado e “finalizado” não tem mais que 2000 anos de existência.

A medicina “Yi” (医 / 醫) veio da escola de pensamento “Huang Lao 黄老” aquela do I Ching (Clássico das Mudanças), com o desenvolvimento de teorias fundamentais tais como Yin Yang, cinco movimentos e Qi. Busca uma racionalidade, explicando as doenças e a cura como processos naturais, abandonando toda a idéia sobrenatural, mágica ou religiosa. É um pouco da medicina “científica” da época! Esta corrente é que é a ancestral daquela que chamamos Medicina Tradicional Chinesa, mas que deveríamos simplesmente chamar Medicina Chinesa: “Zhong Yi” (中医 / 中醫) zhong 中 significando China ou chinês, yi 医 significando medicina.

Com o advento em 1949 da República Popular da China, ocorreu um efeito convulsionante na profissão tanto a nível de ensino como da prática. Para melhor compreender esta mudança, é preciso relembrar o que se passava antes deste momento crucial. Segundo os historiadores, um pouco antes deste período, a medicina chinesa estava morrendo. Os nacionalistas e os republicanos após 1912 tentaram fazê-la desaparecer através da lei. Na verdade, o objetivo era eliminar os símbolos ligados ao antigo regime Imperial para substituir por uma abordagem científica e ocidental. A medicina chinesa deveria, então, ser substituída pela medicina moderna. Este foi um período difícil e complicado para a medicina “Yi” (医).

Até então, a medicina era ensinada principalmente de mestres para seus discípulos, frequentemente nas linhagens familiares e era muitas vezes praticada na casa do médico ou do farmacêutico. Tudo era particular, familiar. No início do século 20 (portanto bem antes das República Popular da China) viu-se nascer as primeiras universidades, os primeiros hospitais de medicina “Yi” (医). Mas, como os governantes não apoiavam esta tendência e até mesmo se opunham à ela, seu desenvolvimento foi fraco e localizado. Apenas sob a impulsão da República Popular da China que, em meados dos anos 50, foram desenvolvidas as academias e os hospitais unicamente dedicados ao que chamaríamos MTC: « zhong yi » (中医). A primeira instituição foi criada pelo Ministério da Saúde em 19 de dezembro de 1955. Após esta data, o desenvolvimento do sistema médico universitário eclode em toda a China, em todas as províncias. É Zhou En Lai (周恩来) quem determinou a criação dos quatro primeiros institutos de medicina chinesa em 1956, em Pequim, Shangai, Cantão e Chengdu. Em 1960 o

número de colégios subiu para 19. No programa destas escolas, os conhecimentos de medicina chinesa dominavam largamente sobre aqueles da biomedicina numa proporção de 7 para 3.

Os médicos foram convidados a abandonar seus consultórios particulares para trabalhar nas instituições governamentais. A demanda por atendimentos era grande e os acupunturistas e outros praticantes deviam se colocar a serviço da coletividade. Tudo ou quase tudo devia acontecer dentro desta nova estrutura de Estado. É também neste momento que, para cada grande especialidade: medicina interna, medicina externa, ginecologia, pediatria, oftalmologia, otorrinolaringologia, massagem, acupuntura, etc., se pediu aos mais famosos especialistas que propusessem um programa oficial para cada disciplina, afim de tornar homogêneo o ensino, indispensável para uma organização universitária. Esta reorganização do ensino e da prática desta arte mudou um pouco sua aparência, mas não sua essência. É possível que, momentaneamente, isto tenha reduzido a extensão do seu saber, da sua experiência, de suas técnicas. Mas com a redinamização da iniciativa privada, um novo “boom” está acontecendo. Eu tenho a íntima convicção que a medicina chinesa sairá vitoriosa desta fase graças ao enorme esforço de pesquisa tanto no plano teórico quanto prático.

Será por esta razão que eu dizia que o comunismo salvou a medicina chinesa? Não, esta é apenas a descrição do bônus! Porque o verdadeiro benefício desta época se aplica sobre algo mais importante.

A medicina do País do Meio foi incontestada até a primeira década do século 20. Houve apenas alguns poucos e isolados contatos com a medicina ocidental e esta última era vista com desconfiança. Até esta época, a medicina não era chamada “chinesa” e era relativamente heterogênea, constituída de numerosas correntes de pensamentos e de práticas.

Sob a influencia do “semi-colonialismo” ocidental, os Republicanos derrubaram o sistema Imperial e tomaram o poder. Eles acharam que a medicina antiga, aliada do sistema Imperial era incompatível com a elaboração de um país novo baseado no conhecimento moderno e científico ocidental. A medicina chinesa foi então atacada com severidade.

Por exemplo, em 1914, Wang Dà Xiè (汪大燮), o ministro da educação do Governo Republicano declarou: “ (O governo) determinou a eliminação a medicina chinesa e o

impedimento da utilização de substâncias medicinais chinesas” (“余决意今后废去中医，不用中药”). Outro exemplo, em 1929 durante o primeiro congresso do Comitê Central de Saúde Pública do Guomindang à Nan Jing, um grupo de responsáveis liderados por Yú Yún Xiù (余云岫) propôs “a abolição da medicina de estilo antigo afim de eliminar os obstáculos da medicina e saúde pública”. Até mesmo numerosos intelectuais do Partido Comunista condenaram a medicina chinesa nos anos 20 e 30. Ela estava, então, sendo chamada desdenhosamente de “a velha medicina” (jiù Yi 旧医)” em oposição à nova medicina (xin yi 新医) vinda do Ocidente. Yú Yún Xiù desde 1914 em sua “Revolução em Medicina” diz claramente: “ A medicina não deve ser separada em chinesa ou ocidental mas em nova e em velha e retrógrada”.



Yú Yún Xiù

O evento determinante do interesse dos chineses pela medicina ocidental foi a epidemia de peste pneumônica da Manchúria de 1910-1911. Durante esta grave epidemia de uma doença infecciosa transmissível, chineses formados por ocidentais aconselharam a colocar em quarentena os doentes e a queimar os mortos. Uma vez que estas simples precauções de higiene foram aplicadas, a afecção diminuiu rapidamente. A partir deste momento esta medicina vinda do ocidente foi levada à sério, sua popularidade não parou de crescer e foi uma concorrente cada vez mais temível para o sistema de cuidados em saúde convencionais locais.

Em suma, a época não estava muito favorável para os defensores da medicina “antiga”. Por isso, frente ao desenvolvimento dinâmico da medicina ocidental na

China, frente a pressão dos governantes e parte da intelectualidade, os grandes nomes da medicina chinesa na época levantaram suas vozes para defender a sua arte.

A primeira consequência, a mais capital aos meus olhos e que sem dúvida é a raiz da organização atual da medicina chinesa na China, foi que as rivalidades entre as diferentes correntes médicas desapareceram em benefício de uma unificação sólida. De fato, desde o advento da Escola das Doenças de Calor sob a Dinastia Qing, numerosos conflitos, discórdias, divisões ocorreram entre os defensores desta escola e aqueles da Shang Hán Lùn (Tratado das Lesões do Frio). As tensões entre as diferentes correntes médicas não eram uma novidade. As primeiras remontam às Dinastias Song e Yuan. Mas estas lutas nunca foram tão intensas quanto sob a Dinastia Qing.

Falando apenas da época que nos concerne, do século 19 ao início do século 20, uma guerra sem trégua entre estas duas escolas enfraqueceu o conjunto da profissão. Dizia-se que eram incompatíveis como a água e o fogo. No entanto, frente ao perigo, os praticantes silenciaram suas inúteis divergências para defenderem um bem comum. O conflito deu lugar a uma grande união. As diferenças de interpretação dos clássicos e da maneira de tratar foram consideradas rapidamente inúteis e fúteis frente ao inimigo comum. O maior destaque foi dado às especificidades deste sistema médico em oposição àquele que vinha do estrangeiro. Percebeu-se rapidamente, neste momento, que finalmente as diferentes correntes médicas tinham uma mesma origem e todos trabalharam para criar uma maneira diferente de pensar a medicina chinesa. A luta entre estas diferentes escolas de pensamento desapareceu em benefício de uma unidade.

O segundo efeito deste combate para a sobrevivência da medicina chinesa foi a criação de numerosas associações e organizações nacionais onde os profissionais se reuniram para defender seus interesses, assim como a prática e o ensino de seu sistema médico. Em duas décadas, nos anos 20 e 30, ao menos 70 escolas e 90 organizações profissionais foram criadas. Neste momento, a relação vertical mestre-discípulo evoluiu para uma difusão de saberes mais horizontalizada entre professores e alunos. Os praticantes construíram uma identidade comum. É neste momento que « yi » (医) se transforma em « zhong yi » (中医). Podemos mesmo, dar uma data precisa para esta transformação. Como reação às ameaças dos republicanos que queriam desaparecer com a medicina antiga, pela primeira vez na história, os praticantes se reuniram em um só grupo no dia 17 de março de 1929, para uma conferência em Shanghai. Ao término desta conferência, uma delegação foi enviada à Nan Jing para negociar com o governo,

afim de evitar a extinção da medicina chinesa. Ainda hoje, o dia 17 de março é o “Dia da Medicina Nacional” em Taiwan e em Singapura.

Portanto, os comunistas nos anos 50 apenas completaram um movimento anterior à 1949. Oficializaram a identidade específica da medicina chinesa, tornaram-na homogênea, independente da ciência moderna, instituíram a Medicina do Estado, desenvolvendo seu ensino, sua prática hospitalar, sua pesquisa. Ao mesmo tempo, no mundo todo, as medicinas tradicionais se enfraqueciam ou desapareciam. Na Índia, por exemplo, a Ayurveda foi rebaixada ao status de medicina complementar auxiliar. Na China, mesmo que a medicina tradicional não tenha recebido o mesmo suporte financeiro que a medicina ocidental, ela nunca foi considerada como paramédica, mas como medicina integral e até mesmo reconhecida como mais eficaz para algumas doenças. Seu prestígio foi conservado e constantemente celebrado através da destreza de famosos praticantes. Segundo as estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2002, a medicina chinesa assume 40% dos cuidados com saúde na China. Segundo fontes governamentais, existe atualmente neste país 77 instituições independentes de medicina chinesa. O número total de cientistas e técnicos engajados nesta área é de mais de dezenas de milhares. Cada província possui institutos de pesquisa, serviços médicos e universidades especializadas em medicina chinesa. Ela é igualmente presente nos estabelecimentos de medicina ocidental, universidades de ensino geral e institutos de pesquisa polivalentes. Estima-se centenas de milhares de consultas cotidianamente.

A única coisa que alguns “puristas” poderiam reclamar dos primeiros dirigentes comunistas, e eu falo de Mao Ze Dong, Zhou En Lai e Liu Shao Qi, é de terem seguido o que certos médicos chineses do fim do século 19 e início do século 20 preconizaram. Na verdade, estes mestres renomados como Zhang Xí Chún 张锡纯 (1860 - 1933) ou Yùn Tie Qiáo 恽铁樵 (1878 – 1935) exaltaram a combinação da medicina chinesa com a ocidental. Yùn Tie Qiáo destacou a capacidade da medicina chinesa de absorver os novos conceitos da medicina ocidental para criar uma “nova medicina chinesa 新中医”. E bem antes da reforma médica orquestrada pelo novo poder, em meados dos anos 50, a medicina ocidental já tinha sido integrada no currículo dos estudantes desde o início dos anos 30. Por exemplo, o famoso médico Shi Jin Mò 施今墨 incorporou anatomia, fisiologia, bacteriologia, patologia em seu instituto desde 1932.

É evidente que não foram os “comunistas chineses” que modificaram a medicina chinesa, mas a concorrência com a medicina moderna. Algumas maneiras de pensar e de praticar evoluíram com esta influencia contemporânea, mas a “China Pop” não pode ser acusada de ter deformado o sistema médico chinês. Ao contrário, ela o salvou de um desaparecimento anunciado. Mao nunca teve a intenção de fazer com que a medicina chinesa desaparecesse. Desde o início ele quis integrá-la no sistema de saúde, contrariamente ao que queriam os Republicanos. Em 1954, os praticantes de medicina ocidental passaram a ter inclusive a obrigação de estudar a medicina chinesa². Em 1958, ela foi declarada “tesouro nacional”.

Outra transformação que pode ser imputada à Mao é o fato dele ter afastado o ensino da medicina chinesa das práticas julgadas supersticiosas. Entre eles, principalmente os métodos que pertenciam à medicina xamanica ou religiosa que se mantinham com a corrente mais convencional da medicina chinesa, aquela do Nèi Jing (Clássico de Medicina Interna) e Shang Hán Lun (Tratado das Lesões pelo Frio). Isto implicou não no desaparecimento, mas na atenuação da utilização de múltiplas técnicas como talismãs, encantamentos, rituais mágicos, o I Ching (Clássico das Mutações) médico e certas noções como os espíritos demoníacos (gu_ 鬼) e espíritos (shén 神). Tudo isto não condizia com uma estrutura universitária e foi deixado de lado. Estas práticas continuam, no entanto, a serem discretamente empregadas por toda a China e por toda a Ásia.

Rodapé: 2. Esta iniciativa cessou no fim dos anos 50, mas teve como resultado a imposição da medicina chinesa como uma aliada séria no sistema médico como um todo.

Muito franceses que afirmam que a China moderna tem mal tratado sua tradição médica, o fazem a partir de uma visão fantasiosa da China antiga. Normalmente estas pessoas não tem nenhum conhecimento da história real da medicina chinesa e suas diferentes correntes ideológicas. Não praticam de acordo com os conhecimentos das grandes escolas como Shang Hán Lùn, Doenças Provocadas pelo Calor, Li Dong Yuán,

de Zhu Dan Xi ou ainda Zhang Jiè Bin. Eles não conhecem nem suas teorias nem suas abordagens clínicas.

Também a acupuntura praticada por eles não é baseada no ensinamento do primeiro e maior clássico desta especialidade, e aqui eu falo de Zhen Jiu Jia Yi Jing (Clássico do ABC da acupuntura e moxibustão). A grande maioria só pratica a acupuntura, uma acupuntura desviada, que não tem NENHUMA ligação real com uma linhagem ancestral, que é sempre fruto de invenções recentes na França. Sem exceção, eles não lêem os chineses, não tem nenhuma ligação direta com a tradição que eles reivindicam e, frequentemente, criticam os médicos chineses e a farmacologia chinesa que eles não conhecem. Eles veiculam um monte de teorias nebulosas que só se encontra na França e que causam espanto no resto do mundo. Por ter sido sempre convidado para dar conferencias em congressos internacionais, eu posso testemunhar que os franceses são frequentemente considerados como suspeitos aos olhos dos outros.

Estas pessoas equivocadas, devem saber que apesar das evoluções modernas, mantém-se na China uma corrente muito tradicional utilizando os conceitos e a sabedoria tiradas diretamente dos primeiros clássicos originais. Muitos dos grandes experts continuam a manter viva e dinâmica a tradição das grandes correntes de pensamento do sistema médico chinês. Eu expressei o desejo que a jovem geração não se apegue aos truques típicos franceses e tenham certeza de estar estudando a medicina chinesa “chinesa”, com referência absoluta aos grandes clássicos que criaram este sistema médico. Começamos a estudar a medicina chinesa à chinesa e em seguida, quando a dominarmos de verdade, poderemos, talvez, sugerir algumas contribuições pessoais. Mas antes de transformá-la, sejamos humildes, vamos estudá-la.

O caso particular da Acupuntura

É preciso saber que a acupuntura declinou rápida e incessantemente durante as Dinastias Ming e Qing. Grandes mestres como Zhang Jiè Bin 张介宾 (1563-1640) e Xú Dà Chun

(1693-1771) 徐大椿 deploravam que na época deles só se encontravam poucos acupunturistas famosos. Além disso, frente a uma prática pouco rigorosa, a Academia Imperial proibiu em 1822 o ensino e a prática da acupuntura. Os historiadores sublinham que este declínio foi provocado pela aversão das agulhas por parte de muitos pacientes, pelo desenvolvimento de métodos mais suaves como a massagem e sobretudo pela preferência da farmacologia pela elite médica. É por isso que, de todas as grandes especialidades médicas chinesas, a acupuntura é a que parece ter menos status. E é verdade que a acupuntura foi relativamente influenciada pela abordagem didática da farmacologia. Mas não julguemos muito rápido nossos colegas chineses que tratam cotidianamente centenas de milhares de pacientes



Sessão de Acupuntura praticada na rua em 1934

Deve-se notar que frente ao declínio da acupuntura, alguns acupunturistas nos anos 30 participaram de uma renovação. O mais emblemático deles foi Chéng Dàn An (承淡安). Após uma viagem ao Japão ele abriu o primeiro colégio de acupuntura em 1933. Sua

abordagem é completamente baseada nos grandes clássicos, do Zhen Jiu Jia Yi Jing (Clássico do ABC da acupuntura e moxabustão) ao Zhen Jiu Dà Chéng (Compendium de acupuntura e moxabustão) passando pelos escritos de Sun Si Miao e outros grandes nomes da acupuntura antiga. No entanto, ele sistematiza o ensino, o estrutura de maneira mais moderna, afim de responder às necessidades da China contemporânea. Até então, é preciso dizer, o ensino desta arte médica era muito familiar, desordenado, horizontal e sobretudo baseado nas aplicações das fórmulas antigas, indicações tradicionais dos clássicos com mais ou menos destreza. Chéng Dàn An iniciou uma primeira forma de padronização, organização que influenciou fortemente as gerações seguintes.



Chéng Dàn An

承淡安

Pouco a pouco a acupuntura caminhou em direção à padronização da farmacologia, o que não era o caso de Chéng Dàn An, cujo estilo era mais clássico. O maior representante desta corrente que atualmente domina a China é Xiào Shao Qíng 肖少卿 de Nan Jing. Sua obra, o Zhong Guó Zhen Jiu Chu Fang Xué 中国 针灸处方学 propõe um grande número de tratamentos de acupuntura cuja classificação está próxima aos livros de medicina interna que utilizam essencialmente a farmacologia. Na mesma linha, Li Shì Zhen 李世珍, excepcional, em seu Cháng Yòng Xué Lín Chuáng Fa Hui 常用腧穴临床发挥 (Apresentação detalhada do uso dos pontos de acupuntura na clínica), apresenta as aplicações dos pontos segundo a diferenciação de síndromes utilizada em farmacologia.

Na verdade, o que os responsáveis pelas universidades quiseram fazer foi uma padronização para que a acupuntura pudesse mais facilmente se encaixar nos moldes do ensino universitário. Esta especialidade tem sofrido mais com esta padronização do que

com a influência da farmacologia. Embora interessante, esta iniciativa tem enfraquecido, pouco a pouco, a noção de meridianos e de conexões na prática da acupuntura. Podemos dizer que por um lado, este novo estilo perturbou o estilo antigo, enfraquecendo-o. Por outro lado, oferece uma nova visão, um novo desenvolvimento desta arte. Não foi cortado de suas raízes tradicionais e prova que, após 50 anos, é capaz de tratar centenas de milhares de pessoas todos os dias. É importante novamente frisar que este novo estilo não substitui o antigo, mas a ele se soma.

Além disso, praticantes de uma acupuntura mais antiga, baseada nos meridianos, na palpação dos trajetos dos Jing Luò 经络 e na utilização dos pontos segundo os clássicos são cada vez mais numerosos. O Dr Wáng Ju Yì 王居易 é um exemplo desta recuperação da abordagem antiga. É muito provável que em uma ou duas gerações esta tomará o lugar que merece. Em nenhum momento eu disse que a acupuntura contemporânea não tem validade. Ao contrário, eu acho que é um ferramenta notável, que eu apoio e pratico. Mas eu reconheço que é o domínio que mais evoluiu nestes quatro últimos séculos.



Wáng Ju Yì

王居易

Conclusão

O fato de que, hoje em dia, a medicina chinesa tenha integrado em seus cursos uma parte dos conhecimentos da medicina ocidental é um perigo? Será que esta combinação é um risco de enfraquecimento de seus princípios ancestrais? Da minha parte, eu acho que não. Porque a civilização chinesa sempre teve a capacidade de assimilar os novos pontos de vista e de torná-los compatíveis com seus sistemas de pensamento. Os chineses sempre tiveram uma propensão à expansão do saber, juntando o antigo ao novo.

Entre nós, a ciência moderna tende a substituir o antigo pelo novo. Uma expressão define perfeitamente a atitude chinesa: “continuidade através das mudanças (tong biàn 通变)”

O que eu pude constatar a partir das minhas numerosas viagens à China, é que os chineses conseguiram associar inteligentemente estas duas ciências, inclusive conseguiram manter um lugar importante para uma prática mais tradicional, mais clássica, mais antiga. Portanto, nada é negado ou esquecido no País do Meio, eles simplesmente juntaram um novo desenvolvimento à medicina chinesa.

Contrariamente à tese de alguns sinólogos americanos como Elisabeth Hsu, eu não acredito que a China comunista tenha inventado uma nova medicina chinesa. Ela sem dúvida favoreceu uma síntese particular, como ocorreu em algumas épocas como durante a Dinastia Song. Mas é importante compreender que os elementos desta síntese pertencem à história da medicina chinesa. Mesmo que diversos estilos tenham sido combinados arbitrariamente, nada foi de fato criado naquele momento. Por várias vezes, o poder Imperial tentou influenciar a maneira de organizar este domínio, essencial ao bom funcionamento da sociedade. Como isso poderia ser diferente? Nossas universidades de medicina não são dependentes do estado democrático? É certo que a síntese contemporânea da medicina chinesa nasceu da concorrência da medicina ocidental no início do século 20, de sua luta contra o perigo da erradicação pelos nacionalistas republicanos nesta mesma época e de sua padronização segundo o modelo universitário ocidental pelos comunistas nos anos 50.

O que Mao e seus seguidores trouxeram a mais foi a colaboração com a ciência moderna, com a medicina ocidental. Alguns vêem nesta colaboração uma possível desnaturalização do espírito da medicina chinesa. Isto seria verdade se os dois sistemas médicos estivessem combinados de forma permanente e não pudessem se exprimir independentemente. No entanto, numerosos praticantes continuam a exercer uma

medicina puramente chinesa, baseada nos grandes clássicos. Vemos mesmo, um grande retorno a este estilo “antigo”. Os grandes textos são cada vez mais reeditados, reverenciados, estudados e comentados. Muitos clínicos usam unicamente as dialéticas tradicionais como àquelas da escola do Tratado das Lesões pelo Frio, das escolas de Tonificação da Terra, da Nutrição do Yin, da Tonificação pelo Aquecimento , das Doenças do Calor, etc...

Todas as pessoas na França que criticam a medicina chinesa de hoje, são pessoas, sem exceção, que não conseguiram se adaptar aos novos desenvolvimentos na China, e às suas contribuições maciças de conhecimentos, notadamente a nível da farmacologia e da patologia. Como eles se sentem defasados, eles denigrem como reflexo de defesa. Isto não seria tão grave se eles não tivessem , muitas vezes, a responsabilidade do ensino e daí poluírem o espírito dos estudantes. Por sorte, a medicina chinesa é bem mais resistente que eles e sua geração será suplantada pela nova geração que estuda atualmente na Ásia.

Tradução para o português : Silvia Ferreira

<http://www.sionneau.com/articles/communisme%20et%20mc.pdf>

Bibliografia :

Zhang Yan Hua (Ethnographic account from contemporary China).
Elisabeth Hsu (The Transmission of Chinese Medicine).
Kim Taylor (Medicine of Revolution: Chinese medicine in Early Communist China 1945-63 et TCM: The Construction of Tradition).
Volker Scheid (Chinese Medicine in Contemporary China: Plurality and Synthesis et TCM: The Construction of Tradition).

Contato Philippe Sionneau
151 Boulevard Jean Jaurès
92110 Clichy La Garenne
France
Tél : (0033) (0)9-50-25-20-13
E-mail : secretariat@sionneau.com
Web : www.sionneau.com